

uma fonte primária sobre o início da década de 1990 no Brasil. A partir dessa relação entre os tempos, a mágica do filme se materializa na aula. Dom João, um algodão entre diamantes brutos, Inglaterra e França, aparece no filme como uma sátira de Portugal. A menina Ludmila Dayer é uma caricatura do eurocentrismo. Para olhares desavisados, o filme pode ser entendido como mais uma obra que transforma a História do Brasil em piada, mas, em sala, podemos provocar as turmas a pensarem o que essa história diz sobre os anos 1990, sobre as permanências e transformações na maneira de enxergar a colonização. É uma aula de conversa entre os tempos”.

A reflexão da professora Cecilia é compartilhada pelo papa do documentário histórico no país, Silvio Tendler, diretor de “Anos JK” e “Jango”:

“O longa-metragem ‘Carlota Joaquina’ representa um ato de coragem: com o cinema brasileiro paralisado, sem recursos para filmar, Carla resolve vencer o desafio e decide fazer um filme, que era uma comédia para público. Convida Marieta Severo, que encara o desafio, e, assim, nós saímos do marasmo que o (Des) Governo Collor havia nos projetado. Com ele, eu consegui rir, e num filme brasileiro. Naquele momento, foi o grande desafio de que não esquecerei”.

Como Cecilia, Tendler também é educador e lecionou Cinema anos a fio na PUC-Rio, com a certeza de que produções brasileiras como “Carlota Joaquina” desafiam a hegemonia de Hollywood sobre nossas telas, a fim de levar representações de nosso povo ao écran. Por esse empenho, o esforço de Camurati ganhou fãs naquela época, como a escritora Mariza Gualano, que citou o longa sobre intrigas reais em seus livros.

“Para uma apaixonada pelo cinema brasileiro como eu, o lançamento de ‘Carlota Joaquina, A Princesa do Brasil’ foi recebido com muito entusiasmo. Foi um sopro de esperança no cenário difícil em que se encontrava nossa cinematografia. O impacto foi tão marcante que não resisti: precisei incluir nas minhas antologias algumas das falas mais divertidas, ousadas e provocadoras desse filme que, para mim, reacendeu a chama da nossa tela com brilho e irreverência”, conta a autora de “Para Fellini, Com Amor”. “Ao embarcar de volta para Portugal, Marieta Severo dispara a icônica frase “Desta terra eu não quero nem o pó!”, que consta da minha primeira antologia de frases de cinema, ‘Ouvir Estrelas’. O livro seguinte, ‘Royale com Queijo’, de citações gastronômicas de filmes, registrou a observação do ator Brent Hieatt sobre a gula do Imperador e disse ‘Dom João morreu tomando sopa de gali-



Divulgação

“‘Carlota Joaquina’ representa um ato de coragem: com o cinema brasileiro paralisado, sem recursos para filmar, Carla resolve vencer o desafio e decide fazer um filme, que era uma comédia para público’ Silvio Tendler

“‘A gente ficou vários anos na UFF com uma tensão muito grande, pensando em para que estudar se não tem mais produção de cinema?’ Hsu Chien Chin

“‘Trinta anos depois, eu assisto ao filme e ainda o acho lindo. O filme chegou ao público e a maior felicidade para mim é fila na porta’ Bianca de Felippes

Lorhan Toledo/Divulgação



Reprodução Instagram



nhá. E o meu almanaque “Pérolas Brasileiras”, de frases e diálogos do cinema nacional, não deixou de fora o fascínio da princesa por sapatos e lembrou das seguintes palavras debochadas, ‘Agora tenho para todos os dias do ano! Poderei gastá-los tranquilamente pelas ruas horríveis do Brasil!’”.

Usina viva de blockbusters, como “De Pernas Pro Ar” (2010) e “Meu Nome Não É Johnny” (2008), a produtora Mariza Leão Carlota explica que “Carlota Joaquina” marca uma virada bem-sucedida na conquista do público: “Herdeiro da tradição da comédia, o filme se impõe com inteligência e criatividade, e Marieta esbanja talento”.

Esse critério cômico que Mariza Leão aponta é trabalhado sob um viés raramente explorado em nossa filmografia, como explica o pesquisador João Carlos Rodrigues, autor do seminal “O Negro Brasileiro E O Cinema”: “Nas escolas, por muito tempo, até antes da ditadura, a figura de Carlota Joaquina era abordada de forma caricata, cercada de antipatia. O filme da Carla, muito divertida, mudou esse retrato pelas vias da comédia histórica, um filão pouco abordado aqui”.

Analista dos veios estéticos do Brasil na telona desde a década de 1980, o crítico Ricardo Cota vai estar na fila das salas em que o périplo de Carlota reestrear:

“‘Carlota Joaquina’ reacendeu a brasa adormecida do cinema brasileiro após o extermínio da Embrafilme no governo Collor. Não foi um filme qualquer, mas, sim, uma releitura humorada, feminina, da História do Brasil. Um filme solar, inspirado pelo humor que atravessa as barreiras do tempo. Poder revê-lo hoje, com minha filha, é uma forma de mostrar-lhe a História do Brasil pelos caminhos da informação e do entretenimento”, reflete Cota. “‘Carlota Joaquina’ é dos filmes que rejuvenescem com o tempo”.

Distribuidor responsável por desenhar a trilha comercial de fenômenos como “Eu Te Amo” (1981) e “Tropa de Elite 2” (2010), Marco Aurélio Marcondes lembra que a celebração dos feitos de Camurati podem resgatar um outro êxito de nossa arte de meados da década de 1990, que foi indicado ao Oscar.

“Considero que ‘Carlota Joaquina’, da Carla Camurati, teve um papel importante para a chamada Retomada, mas lembro que ‘O Quatrilho’, de Fábio Barreto fez, no memo período, um público de 1.117.154 (pagantes), com informações que prestei ao Sindicato dos Distribuidores. Hoje estes números são coisa rara para o nosso cinema”.

Essa ave rara que “Carlota Joaquina” é fez nosso cinema renascer como Fênix. Que as novas gerações se contagiem com seu humor e com a atuação iluminada de Marieta.